70

Discurso por ocasião da Teleconferência Toda Criança na Escola

PALÁCIO DA ALVORADA, BRASÍLIA, DF, 30 DE OUTUBRO DE 1997

Eu queria, em primeiro lugar, agradecer a presença de todos os senhores e senhoras aqui, nesta manhã, e dizer da minha satisfação de que nós, hoje, possamos conversar por intermédio desta sala de visitas, aqui, com o Brasil, a respeito daquilo que é o mais importante para qualquer país, que é a educação.

O esforço que tem sido feito no Brasil é muito grande, em matéria educacional. Não é o esforço do Ministro, dos técnicos, meu, deste Governo. Vem de longe, porque educação não é uma responsabilidade só de governo, é de todos nós, é do país, é de cada pai, de cada mãe, de cada cidadão.

Na verdade, nós ainda temos, no Brasil, que reunir muitos esforços para resolver questões que já deviam ter sido resolvidas há muito tempo. Por exemplo, toda criança na escola, que é o mote, o título de nosso programa, é o esforço concentrado hoje. É o cúmulo que o Brasil, depois de tantos anos de sua independência, depois de tanto desenvolvimento econômico, depois de tanta transformação política, ainda tenha que se preocupar em enfrentar um problema como esse, de ter crianças que não estão na escola. Não obstante, a situação é essa, nós ainda

temos 2 milhões e 700 mil brasileiros e brasileiras, jovens crianças, portanto, cidadãos, que não estão nas escolas.

Isso não pode ser, entretanto, entendido como simplesmente um slogan ou como um objetivo, uma meta demagógica com objetivos políticos, porque aí não dá certo, não é disso que se trata. Tem que ser entendido como uma responsabilidade de cada um de nós, brasileiros. E, é claro, não se pode, simplesmente, dizer, através da televisão: olha, todas as crianças vão para a escola. Não. Para que se chegue a esse ponto, é preciso que haja uma organização, que já está havendo.

Organização que começa na família. A família tem que se preocupar com o fato de a criança estar na escola, estar estudando. Tem que se preocupar em saber se o professor está ensinando direito, se o diretor está dirigindo corretamente, como é que o recurso – que aliás, hoje em dia, o Ministério manda diretamente para as escolas, uma parte desses recursos – como é que esse recurso está sendo usado. Portanto, é uma responsabilidade de cada pai, de cada mãe de família; é também dos prefeitos; é também das Câmaras de vereadores, que têm que olhar o gasto; é também da pessoa que dirige a escola; é dos secretários estadual e municipal de Educação; é do governador e é minha. É do ministro da Educação, é dos técnicos do Ministério da Educação, é um conjunto, é um mutirão nacional para que nós possamos chegar a ter todas as nossas crianças realmente nas escolas e aprendendo, porque não basta estar na escola.

Nós temos um problema sério no Brasil, a criança entra, se matricula e ou repete ou vai embora. São as duas pragas da educação brasileira: a repetência e a evasão. E estão ligadas. Então, nós temos que ter novos métodos educacionais.

O Ministério da Educação, através da ação muito dinâmica do Ministro Paulo Renato, tem cuidado desses aspectos todos. Nós fizemos muitos programas para que pudéssemos chegar a esse desafio nacional de colocar toda criança na escola. Que programas foram feitos? Primeiro, foi feito, não na ordem cronológica, mas foi feito um programa de televisão educativa. Hoje, no Brasil, nós temos cerca de 50, ou até um pouquinho mais, mil aparelhos de televisão e antenas de televisão que

reproduzem cursos, treinamentos, técnicas que são emitidas diretamente por um sinal do Ministério da Educação para melhorar a qualidade do ensino, para treinar o professor. Não é para treinar só o aluno, não. O professor também. E é possível ver, nas partes mais remotas do Brasil, uma antena, às vezes um sistema em que não há eletricidade, um gerador precário a diesel, para que a criança possa ter um treinamento melhor e o professor também.

Nós modificamos o sistema de distribuição de livros. Nós estamos distribuindo mais de cem milhões de livros, gratuitamente, nas escolas. Mas agora os livros chegam a tempo, chegam no começo do sistema escolar, no início do ano letivo. E não no meio ou no fim, como foi no passado. Nós mudamos o conteúdo desses livros de várias maneiras. Há uma avaliação dos livros, que é feita pelo Ministério da Educação e o professor escolhe livremente o livro, tem um guia para saber se está bem desenvolvido o currículo naquele livro. Nós fizemos os chamados Parâmetros Curriculares, ou seja, as matérias foram estudadas por centenas de pessoas, de técnicos, de professores, e hoje existe um guia, também, e 600 mil professores de escola fundamental estão recebendo em suas casas esses livros para que eles possam se aperfeiçoar e ter um melhor preparo para dar as aulas.

Mais do que isso, o Congresso Nacional aprovou, e a partir de 1º de janeiro começa a funcionar, um programa de valorização do professor. Com esse programa nós vamos aumentar a média despendida por aluno, sobretudo nas regiões mais pobres do Brasil e vamos fazer com que a média do salário seja igual a essa média, o que vai elevar, consideravelmente, o salário médio do professor na escola fundamental, na escola básica, sobretudo nas áreas mais carentes do Brasil. Portanto, estamos, também, cuidando do aspecto material do professor.

É claro que tudo isso são propostas em marcha já, mas cujos efeitos não são efeitos que se possam fazer sentir em um ano, em dois anos. Mas nós não estamos pensando no curto prazo, estamos pensando na mudança global da sociedade brasileira, e estamos com muita coragem, com muita determinação e sobretudo com muita fé, com muita esperança de que fazendo isso estamos contribuindo para a democracia no

Brasil. Porque estamos dando informações ao nosso povo, para que haja melhor ocupação, para que nossa população encontre um emprego melhor, porque estamos treinando. Estamos agora fazendo um programa de computação, nas escolas públicas, para as crianças aprenderem não só a ler e a escrever, mas aprenderem na técnica do futuro.

Enfim, nós estamos com nossos olhos voltados para as gerações futuras. E é por isso que, no nosso início de conversa, aqui, tenho a dizer do prazer de estar aqui e quero dizer, com toda sinceridade, do fundo do meu coração: eu sinto entusiasmo pelo que nós estamos fazendo. Eu acho que realmente temos que, com muito entusiasmo, nos lançarmos nessa tarefa que é fundamental, do Brasil que constrói, a partir de agora, o seu futuro. O Brasil não é mais o país do futuro. O futuro já começou e começa nas escolas.

Muito obrigado.